



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## VOZES DO CÉU – OS PRIMEIROS MOMENTOS DO IMPRESSO KARDECISTA NO BRASIL<sup>1</sup>

*Profa. Dra. Magali Oliveira Fernandes*

Anhemi Morumbi – São Paulo/SP

### **Resumo**

Este presente trabalho (síntese de minha dissertação, defendida na ECA-USP, sob a orientação da Profa. Dra. Jerusa Pires Ferreira) consiste no levantamento e análise dos primeiros momentos da edição kardecista no Brasil; período correspondente à segunda metade do século XIX – 1865-1874, na Bahia. Também, trata-se de um estudo sobre o primeiro editor kardecista: Luiz Olympio Telles de Menezes – uma figura especial (como será visto adiante) – que cuidou da tradução e organização desse ideário no país. No desenvolvimento de seu trabalho como editor de impressos kardecistas, abriu-se uma discussão pública, entre os adeptos e os opositores do espiritismo. Para além das questões relacionadas ao ideário espírita no século XIX entre os brasileiros, pretendeu-se compreender, aqui, a figura do editor e a autoria num dos segmentos da edição popular.

**Palavras-chave:** edição popular; memória editorial; espiritismo no Brasil (século XIX).

O livro kardecista no Brasil, atualmente, conta com um público grande e crescente. São mais de 170 editoras (*Veja*, 26/jul. 2000, pp. 78-82) em todo o país publicando essas obras devido à demanda, tanto de leitores espíritas como de leitores simpatizantes da doutrina de Allan Kardec.

O iniciador da edição dessas obras no país foi Luiz Olympio Telles de Menezes, natural da Bahia, Freguesia de São Pedro Velho, nascido em 26 de julho de 1825. No século XIX, mais precisamente de 1866 a 1874, em Salvador, ele cuidou da publicação e divulgação de vários textos espíritas e do primeiro periódico kardecista brasileiro; um período de quase uma década, que determinou a introdução da história do espiritismo entre o público brasileiro.

De minha parte, o exercício de recuperar informações, relacionadas ao tema e a esse personagem especial, ocorreu como uma aventura... um mergulho no tempo e nos textos, objetivando uma melhor aproximação do que teria sido o espiritismo, na segunda metade do século XIX para um editor na Bahia. Procurou-se, assim, identificar suas

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP04 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



aspirações, desejos, medos... pela comunidade das idéias que iam sendo expressas no projeto kardecista baiano, tentando encontrar os ingredientes que poderiam ter colaborado para a sua utopia e, talvez, a utopia de muitos dos seus patrícios.

Nessa época dos primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil, ainda não existiam casas editoriais com linhas específicas de publicações e catálogos definidos, como acontece hoje em dia. Havia somente tipografias, sem qualquer definição quanto às linhas editoriais. Isto é, uma mesma tipografia editava o jornal *Diário da Bahia*, um folheto espírita e, ao mesmo tempo, uma obra produzida por autoridades da Igreja Católica, sem nenhum tipo de problema ou constrangimento, sua função era a de imprimir textos.

Assim sendo, pode-se compreender o papel de Luiz Olympio como um editor intelectual das idéias kardecistas, organizador dos materiais que lhes chegavam às mãos para que ele pudesse traduzir, compilar, colar, criar e recriar cada um deles, elaborando um texto final, que se definiria, mais adiante no seu conjunto, como o ideário espírita nos seus começos.

É interessante ressaltar que Luiz Olympio devia receber cartas, artigos, periódicos etc. de várias partes do mundo, isso porque, em suas obras é enorme a quantidade de citações e referências de que ele se utilizava para argumentar em favor da doutrina kardecista; enfim, percebe-se o trabalho intenso desse editor em busca da notícia espírita, promovendo intercâmbios entre simpatizantes do tema, com o propósito de conhecer e divulgar a doutrina dos espíritos.

A propaganda da doutrina de Allan Kardec entre os brasileiros, “da Bahia para o resto do mundo”, como Luiz Olympio escreveu em um de seus textos, foi um empreendimento exclusivamente seu, particular, sem auxílio financeiro de nenhum órgão ou pessoa. Luiz Olympio realizou esse trabalho paralelamente ao exercício de sua profissão, que se dividia entre: taquígrafo na Assembléia Legislativa, bibliotecário, tesoureiro do Instituto Histórico da Bahia, jornalista e professor particular.

Por um lado, pode-se notar o editor baiano preocupado em administrar, da maneira mais fiel e atualizada possível, as novidades em pauta no mundo da edição, a respeito das experiências voltadas aos fenômenos espíritas em várias partes do mundo.



Por outro lado, pode-se observá-lo com pretensões de ser um instrumento da espiritualidade, transmitindo a mensagem diretamente do plano espiritual aos seus leitores, por ser ele “um excelente médium, não só escrevente, como falante”. E não só isso, outras experiências de comunicação espiritual com outros médiuns, tanto brasileiros como estrangeiros, também compuseram as suas publicações.

Nesse sentido, Luiz Olympio poderia ser visto, também, como um editor das vozes do céu, dos espíritos que, segundo ele, queriam anunciar a Terceira Revelação para a reforma do mundo: “A lei do Antigo Testamento está personalizada em Moisés; a do Novo Testamento o está em Jesus Cristo; o espiritismo é a Terceira Revelação da Lei de Deus, mas não é personificada em nenhum indivíduo, porque é ela o produto do ensino, dado não por um homem, mas pelos espíritos, que são as Vozes do Céu sobre todos os pontos da Terra, e por uma multidão inumerável de intermediários; é de alguma maneira um ser coletivo, compreendendo o complexo dos seres do mundo espiritual, vindo cada qual trazer aos homens o tributo de suas luzes, para lhes fazer conhecer este mundo, e a sorte, que os espera”.

Com uma lista integrando autores vivos (do mundo visível) e autores mortos (do mundo invisível), inaugurava-se em território brasileiro, por Luiz Olympio Telles de Menezes, um segmento original, no mínimo especial e considerável, no que diz respeito ao mundo do livro: a edição do fenômeno espírita e, em especial, o da psicografia.

No exame dessa figura singular e, ao mesmo tempo, de seu empenho de edição espírita no país, é que se pretende recuperar e discutir **memória editorial espírita no Brasil**. Nossa tarefa, no momento, concentra-se no registro desses discursos, tentando compreender o que teriam significado a edição e o ideário espírita em sua fase inicial.

Para o presente texto, cuidou-se apenas de um resumo de minha dissertação de mestrado: *Luiz Olympio Telles de Menezes – Os primeiros momentos da edição kardecista no Brasil*, orientada pela Profa. Dra. Jerusa Pires Ferreira, na ECA-USP.

### **Luiz Olympio Telles de Menezes e o espaço kardecista**

No período em que Luiz Olympio iniciou a edição dos textos espíritas, a religião



do Estado era o catolicismo, portanto não se permitia no país, por lei, a adesão a outras crenças. O divulgador da doutrina de Allan Kardec – talvez, por isso mesmo – não deixava de afirmar em seus pronunciamentos ser um “católico apostólico romano”. Pelo espiritismo, ele dizia estar defendendo a necessidade de renovação dos preceitos cristãos, promovidos pela Igreja Católica. Esse argumento ocorreu quando a discussão sobre espiritismo e catolicismo estava em efervescência. Acredito que seja importante retomar, aqui, o início desse debate impresso para se entender o desenvolvimento das argumentações e críticas; tanto de um lado, o do espiritismo, quanto de outro, o dos opositores.

Em 26 de setembro de 1865, o *Diário da Bahia* apresentou um artigo em uma de suas colunas: “Doutrina Espírita I”; no dia seguinte, em 27 de setembro: “Doutrina Espírita II”; e em 6 de outubro: “Doutrina Espírita III”. Esses artigos indicavam uma mesma autoria: Amedée Déchambre (1812-1885 – autor de *Dictionnaire des sciences médicales*). Todos eram traduzidos de um jornal francês: *Gazette hebdomadaire de médecine*, e referiam-se às práticas espíritas, em voga, e ao espiritismo de Allan Kardec, na França.

Logo no primeiro parágrafo, lia-se: “Queira perdoar-nos o leitor, mas as linhas que seguem não admitem de sua parte nem dúvidas, nem motejos, nem objeções, nem oposição alguma; é pelo contrário, com profundo respeito, que lhes deve lançar os olhos. Vai se extrair, em proveito seu, o suco e a quinta essência de um livro ‘ditado e publicado por ordem de espíritos superiores’”. A impressão inicial era de uma matéria elogiosa à doutrina kardecista, mas, adiante, pôde-se perceber que tratava-se de uma dura crítica às práticas espíritas que estavam sendo realizadas nos bairros parisienses; muitas vezes, por “pessoas pertencentes à sociedade polida e ilustrada” que “à sombra da agitação política e dos negócios” exerciam suas reuniões mediúnicas “com a silenciosa e infatigável perseverança de uma seita”. Déchambre dizia ter preocupações em ver a França, “gênio intelectual e moral” entretida com esses “extremos do supernaturalismo religioso”, servindo até de “propagadora com a mesma superioridade com que o é das idéias sociais e das descobertas físicas”. Repugnava-lhe o fato de pensar que seu país, a França, pudesse ser a sede do espiritismo, como Allan Kardec o



afirmava. Afinal, Allan Kardec, ao considerar-se o codificador da doutrina espírita não passava, na opinião de Déchambre, de um escritor comum no meio de tantos outros no gênero, naquele mesmo período.

No seu último artigo, Déchambre dizia: “A análise de *O livro dos espíritos* está concluída; podemos falar sério. Não é espetáculo vão o das ilusões, temeridades e desvarios do espírito humano”. E continuava: “Esse espetáculo é uma lição. Torna-se patente, por uma forma singularmente curiosa e instrutiva, a incurável fraqueza da razão, quando não é loucura (...)”. Para Déchambre, tais manifestações poderiam ter uma resposta, ou melhor, um encaminhamento mais adequado e acadêmico: “(...) abre finalmente sobre a psicologia perspectivas dignas de toda a atenção”.

É interessante destacar ainda o desfecho usado pelo autor francês mais adiante, ao se despedir de seus leitores: “Desculpe-nos o havermos tratado com alguma seriedade tão extravagante assunto. Semelhantes desvarios são mais perigosos ao que parecem; e estamos convencidos de que não conviria entreter por muito tempo com eles uma população um tanto propensa a superstição para fazer reviver o belo tempo do Sabbat; porque se o espiritismo rejeita, como vimos, a possessão, e nega a existência do verdadeiro demônio, aceita, e é forçado a aceitar o abandono momentâneo do corpo pela alma, que é a condição essencial e suficiente das carreiras noturnas, e dos passeios pelos ares sobre cabos de vassouras”.

Para o francês Déchambre *O livro dos espíritos* de Allan Kardec não significava mais do que uma repetição das obras de autores “do décimo sexto ao décimo sétimo séculos”. Na sua opinião, não havia diferença entre o kardecismo e as crenças que perpetuaram “através das mil superstições da Idade Média”.

Esses artigos anunciados para o público baiano no *Diário da Bahia*, muito provavelmente, chegaram até Luiz Olympio que, discordando do francês e, talvez, inflamado com tais críticas, resolveu contra-atacar. Lançando em Salvador, em fevereiro de 1866 – quase seis meses depois do artigo de Déchambre – *PHILOSOPHLA SPIRITUALISTA. O SPIRITISMO. INTRODUÇÃO AO STUDIO D’A DOCTRINA SPIRITICA, EXTRAHIDA D’O LIVRO D’OS SPIRITOS, PUBLICADO POR MR. ALLAN KARDEC, E TRADUZIDA D’O FRANCEZ SOBRE A DECIMA TERCEIRA*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

*EDICÇÃO POR LUIZ-OLYMPIO-TELLES-DE-MENEZES. MEMBRO D'O INSTITUTO-HISTORICO DA BAHIA. BAHIA TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C., RUA DE SANTA BARBARA, 1866.*

Logo de início, o leitor deparava-se com um texto introdutório assinado pelo próprio Luiz Olympio que, de forma imperativa o intitulava: “Lêde”. Tratava-se de um chamamento à doutrina kardecista, à doutrina dos novos tempos, apresentada pelo baiano: “Cumprimos um legitimo dever, iniciando a maioria de nossos patrícios na leitura dos novos princípios, que rápida e eficazmente, têm de conduzir a humanidade ao apogeu da perfectibilidade”.

Em estilo sóbrio e em forma de diálogo, Luiz Olympio parecia querer criar proximidade cada vez mais intensa com seus leitores e ouvintes virtuais. Sua oratória apresentava-o como um missionário, agente da providência divina sob orientação de um guia espiritual que, em favor da nova revelação iria cumprir sua tarefa: da Bahia para toda a nação brasileira: “A Bahia, nossa querida província, segunda no Império, é verdade, mas metrópole da Religião do Estado e de todas quantas grandes idéias que surgem no Brasil, não podia deixar de dar mais uma prova irrefragável da missão providencial, que sempre cumpre, influindo, poderosamente, nos destinos da Nação Brasileira: e, pois, é ela ainda a escolhida para ser a sede do Espiritismo no Brasil, porque é nela que Deus, em sua Bondade Infinita, permitiu aos Espíritos Superiores, seus fiéis mensageiros, começarem a revelar à terra da Sta. Cruz, pelo fato não equívoco das manifestações assaz verificadas em múltiplos pontos do globo que habitamos, verdades surpreendentes, pasmosas e sublimes”.

Nesse seu discurso Luiz Olympio buscava apoio e legitimação às suas palavras, citando alguns nomes reconhecidos da alta sociedade baiana, “distintos cavalheiros” que estariam compartilhando com ele o novo ideal para o aprimoramento da humanidade. É curioso ressaltar que tais cidadãos tinham certa projeção social, pertencendo à elite intelectual da Bahia; eram políticos, advogados, médicos, inclusive membros da Igreja Católica.

Na tentativa de concatenar conhecimento científico e religiosidade, de maneira profética e eloqüente, Luiz Olympio explanava seu desejo pelo saber universal



relacionado à moral cristã, acreditando, numa perspectiva progressista, que somente a instrução e a reforma íntima do ser eliminariam a ignorância e o sofrimento humano. Instruir para se libertar, era o que ele procurava defender, utilizando em seus textos as seguintes adjetivações: eterno, elevado, espiritual, superior, iluminado e sério.

O livro era, para Luiz Olympio, um instrumento a serviço do mundo superior e espiritual; o livro não era um objeto material qualquer ou, simplesmente, uma mercadoria. As publicações organizadas por ele tinham como função de transformar os homens, pela transmissão das idéias e experiências reveladas nas mensagens espíritas.

Pela mensagem do espiritismo, evidenciavam-se o gosto oculto e o desejo de racionalização da fé. Uma fé para ser investigada e sabida pelo fenômeno da comunicação entre homens e espíritos, esclarecendo mistérios, buscando clareza e precisão dos fatos nas leis da natureza. Fazendo lembrar uma influência positivista, segundo Luiz Olympio, a doutrina viria a ser uma ciência ideal, equilibrando sentimento e razão, ordem e progresso, com o fim de regenerar a humanidade.

Luiz Olympio pregava a caridade de conhecimento; e seu projeto editorial, na totalidade, refletia esse gesto de querer ampliar ao grande público o que os espíritos superiores lhe passavam do plano espiritual. Retomando palavras suas: “Maravilhoso é o fenômeno da manifestação dos espíritos: e por toda a parte ei-lo que surge e vulgariza-se”. Em outro momento, ele escrevia: “(...) não temos por fim fazer propaganda a todo o transe das idéias espiritistas; nosso intuito é estudar os fenômenos...; e não fazemos monopólio de luzes, buscamos a imprensa para registrar todos os fatos, que tiveram lugar em nossas reuniões, feitas, unicamente, no interesse de sermos úteis a nossos irmãos em Jesus Cristo”.

É interessante lembrar que, para o divulgador baiano, os seus opositores seriam, prioritariamente, os materialistas. Para explicar melhor essa questão, preferi recuperar sua própria definição a respeito: “(1) Os que somente crêem na matéria tangível, e negam toda a potência intelectual fora do homem; (2) Certos sábios, que crêem que a natureza não tem mais segredos para eles, ou que a eles somente pertence descobrir o que ainda estiver oculto; (3) Os, que em todos os tempos têm-se esforçado por entorpecer a marcha do espírito humano, porque temem que o desenvolvimento das



idéias, fazendo ver muito claro, prejudique seu poder e seus interesses; (4) Enfim, aqueles, que, não tendo nenhum partido, e não no conhecendo, julgam-no pela má cara, com que seus adversários o representam no intuito de desacreditá-lo”.

Diante desses opositores do espírita, tem-se a impressão que Luiz Olympio almejava reverter o princípio que dá origem à ciência moderna, a distinção entre pensamento e matéria. Como se pode observar, nos dois primeiros itens, ele problematizava que, para desvendar os segredos da natureza, era preciso descobrir outros segredos para além da física; propondo assim, outras maneiras de se relacionar com o oculto, outros modos de ver o mundo.

No item três, pode-se pensar que o espírita dirigia-se aos membros do clero, como resistentes ao desenvolvimento das novas idéias científicas.

E, no último item, imagina-se que Luiz Olympio falava ao público que opinava sem conhecer mais profundamente sua doutrina, o assunto em questão.

Nesse sentido, verifica-se que projeto espírita, na explanação do editor baiano, fazia críticas à tradição religiosa católica e a determinados conceitos da ciência moderna. Ao que parece, Luiz Olympio acreditava na novidade absoluta, tanto para os setores acadêmicos, quanto para os religiosos católicos. Mas, ao mesmo tempo, essa novidade vinha ao encontro da “visão de mundo” pré-renascentista que tinha o universo espiritual como uma força da natureza. Assim, pode-se reparar que o discurso espírita, se não era voltado para o universo popular, tinha como ingrediente a mistura, a recuperação de uma mentalidade pré-moderna.

### **A polêmica: catolicismo e espiritismo**

A partir de 1865, com o episódio Déchambre no *Diário da Bahia* e, em seguida, com o lançamento da primeira obra espírita produzida por Luiz Olympio, abriu-se uma discussão pública sobre espiritismo. Mais tarde, tal discussão enfatizaria um debate mais contundente a respeito de espiritismo e catolicismo. Entraram em cena personalidades baianas, entre elas, o arcebispo da Bahia: Dom Manoel Joaquim da Silveira, que lançou em 1867 uma *CARTA PASTORAL* “premunindo os seus diocesanos



contra os erros perniciosos do espiritismo”.

Luiz Olympio respondeu a esse primeiro ataque com uma nova edição de sua obra inaugural, acrescentando um prefácio, e rebatendo as críticas levantadas na pastoral intitulado-a: *O SPIRITISMO. CARTA AO EXCELLENTISSIMO E REVERENDISSIMO SENHOR ARCEBISPO D'A BAHIA DOM MANOEL JOAQUIM D'A SILVEIRA, METROPOLITANO E PRIMAZ D'O BRAZIL, POR LUIZ-OLYMPIO-TELLES-DE-MENEZES. MEMBRO D'O INSTITUTO HISTORICO D'A BAHIA. SEGUNDA EDIÇÃO PRECEDIDA DE UM PREFACIO, E ESCLARECIDA COM ALGUMAS NOTAS.* BAHIA. TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C., RUA DO SANTA BARBARA N.2, 1867.

Depois disso, em favor do catolicismo, um oficial militar lançou a seguinte obra: *O ESPIRITISMO. CARTA DIRIGIDA AO ILMO. SR. LUIZ OLYMPIO TELLES DE MENEZES, EM RESPOSTA À QUE DIRIGIRA O DITO SENHOR AO EXMO. E REVMO. ARCEBISPO DA BAHIA D. MANOEL JOAQUIM DA SILVEIRA, METROPOLITANO E PRIMAZ DO BRAZIL, POR MANOEL DA SILVA PEREIRA, MAJOR DO CORPO D'ENGENHEIROS E PELO MESMO DEDICADA E OFFERECIDA AO SABIO METROPOLITA E AO ILLUSTRADO CLERO BAHIANO.* BAHIA. TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C. RUA DE SANTA BARBARA, 1867.

Na continuidade do apoio ao arcebispo da Bahia, outro autor se pronunciou. Um padre de nome Juliano José de Miranda, com a obra intitulada: *BREVE APRECIÇÃO DA CARTA DO SR. LUIZ OLYMPIO TELLES DE MENEZES SOBRE O SPIRITISMO AO EXMO. E REVMO. DR. ARCEBISPO, DEDICADA AO MESMO EXMO. SR. PELO PADRE JULIANO JOSÉ DE MIRANDA.* BAHIA. TYP. DE CAMILLO DE LELLIS MASSON & C. RUA DE SANTA BARBARA, 1867.

Nesse mesmo ano de 1867, um órgão da imprensa baiana resolveu tomar partido, optando pelo lado dos católicos. O jornal *Bahia Ilustrada* satirizou Luiz Olympio em suas páginas, divulgando a seu respeito versos e desenhos cômicos. O propagador do espiritismo aparecia com asas de morcego. Ainda nesse artigo, numa das estrofes criadas por um autor do jornal, chamado Bernardim Ribeiro, referindo-se à



doutrina, podia-se ler:

*“Não creia nessa armadilha,  
Que outra coisa não é,  
Que dos brancos desta terra  
Memorável candomblé”.*

Sem condições de mostrar com detalhes, neste presente artigo, os vários pontos de vista sobre a questão espírita defendidos pelos autores mencionados acima, tentarei apenas sintetizar o ocorrido, recuperando somente a intenção singularizada de cada uma das falas nesse processo de discussão impressa.

Na pastoral houve tentativa de desqualificar as práticas espíritas citando três temas que, segundo o arcebispo, estariam em desacordo com os ensinamentos previstos na Sagrada Escritura. Seriam: (1) preexistência da alma, (2) transmigração das almas e (3) evocação dos mortos. Entretanto, Luiz Olympio, em prefácio da segunda edição de seu livro, rebate essas considerações, alegando a possibilidade de outras interpretações da mesma obra, favoráveis ao espiritismo. O que deixa transparecer que, para Luiz Olympio, a autoridade da palavra de Deus não se restringiria aos representantes da Igreja Católica, mas à “voz da consciência” de cada pessoa.

Os dois outros opositores do kardecismo argumentaram de maneiras bem distintas. O militar enfatizava o desrespeito do espírita com a autoridade da Igreja, por questionar ou mesmo duvidar da interpretação do clero; terminando por acusar Luiz Olympio como adepto à feitiçaria exercida pelos negros da Bahia.

O outro opositor, o padre, quis denunciar o espírita de herético, ao defender uma doutrina muito parecida com o protestantismo.

Além do militar e do padre, gostaria ainda de comentar o último verso divulgado no jornal *Bahia Ilustrada* identificando a doutrina kardecista como o candomblé dos brancos.

Enfim, tais críticas ao espiritismo não se coincidem por completo, o que vem confirmar que esses opositores não conseguiam compreender integralmente o projeto de Luiz Olympio; uma figura limite, tão fronteira, quase sem lugar determinado na sociedade baiana de sua época, que podia freqüentar reuniões do Instituto Histórico da



Bahia, também tinha acesso aos livros na Biblioteca Pública, como bibliotecário, e muitas vezes participava de reuniões da Assembléia como taquígrafo, porém não tinha poder legítimo como os seus colegas. Talvez, por isso, ele se arriscava mais para propagar a nova doutrina dos espíritos.

### **Nas páginas do *ÉCHO***

Tantos pronunciamentos contrários ao espiritismo, ao invés de inibirem o editor baiano, serviram para incentivá-lo a publicar o primeiro periódico kardecista brasileiro, denominado: *O ÉCHO D'ALÊM-TUMULO – MONITOR D'O SPIRITISMO 'N-O BRAZIL*.

Para uma publicação desse teor, num século em que as condições editoriais no país eram paupérrimas, quase inexistentes, o resultado foi tremendamente positivo, no que diz respeito à qualidade e à duração do periódico bimestral, de 1869 a 1871. Dos seis primeiros números impressos na tipografia do *Diário da Bahia*, Luiz Olympio chegou a fazer um compêndio, equivalente a um livro, como resultado do primeiro ano de sua publicação, correspondente ao período de julho de 1869 a maio de 1870, compondo um total de 304 páginas impressas.

A obra, como um todo, foi organizada sem tanto rigor, em se tratando da ordem dos assuntos de um número para o outro. As colunas, muitas vezes, variavam de lugar, ficando fixas apenas as páginas iniciais de cada periódico, contendo informações como: título, subtítulo, o número, mês e ano da publicação e as páginas finais, com a coluna de “aforismos espíritas”. Do frontispício, é interessante destacar a chamada dos temas tratados: “manifestações dos espíritos: ensino filosófico – religioso sobre o mundo visível e invisível; difusão de estudos feitos na Europa e na América, concernentes e relativos à doutrina espírita”.

Na página seguinte, anunciavam-se: “obras fundamentais da doutrina espírita de Allan Kardec”. Eram os cinco títulos, em idioma francês (respeitados, ainda hoje, nos centros kardecistas): *Le livre des esprits; Le livre dos mediums; L'évangile selon le spiritisme, Le ciel et l'enfer, ou La justice divine selon le spiritisme; La genese, les*



*meracles et les prédiction, selon le spiritisme*. Ao lado de cada título, apresentavam-se traduções editadas em espanhol, inglês, alemão, italiano, russo, grego, polonês e croata. Ainda, nessa mesma página, viam-se estampados alguns opúsculos kardecistas, em idioma francês, indicando também algumas traduções: *Qu'est-ce que le spiritisme; Le spiritisme à sa plus simple expression; Résumé de la loi des phénomènes spirites; Caracteres de la révélation spirite; Voyage spirite em 1862* e, também, *Discours prononcé sur la tombe de Allan Kardec por C. Flammarion*. Como obras complementares da doutrina, eram indicadas: *Revue Spirite; L'âme; La raison du spiritisme; Pluralité de mondes habités, Pluralité des existences de l'âme; Dieu dans la nature*.

ÉCHO registrava, também em uma de suas páginas, outra informação importante: as assinaturas anuais do periódico iriam contribuir para a liberdade de alguns escravos. O que garantia certo acordo entre o movimento abolicionista e os simpatizantes do espiritismo, naquela época.

Uma parte bastante elucidativa desse periódico, referente à pauta da edição espírita, pode ser vista no momento em que o editor Luiz Olympio solicitou, aos seus leitores, materiais que pudessem acrescentar benefícios aos estudos espíritos. A lista era a seguinte: (1) Manifestações materiais ou inteligentes; (2) Fatos de lucidez sonambúlica e de êxtases; (3) Fatos de vista dupla, previsões e pressentimentos; (4) Fatos relativos ao poder oculto, atribuído, com razão ou sem ela, a certos indivíduos; (5) Lendas e crenças populares; (6) Fatos de visões e aparições; (7) Fenômenos psicológicos particulares, que algumas vezes se dão à hora da morte; (8) Problemas morais e psicológicos não resolvidos; (9) Fatos morais, atos notáveis de dedicação e de abnegação, cujo exemplo seja útil propagar; (10) Indicação de obras antigas ou modernas, nacionais ou estrangeiras, que refiram fatos relativos à manifestação das inteligências ocultas, e, se for possível, com a designação e citação respectivas; e igualmente o que for relativo à opinião emitida sobre a existência dos Espíritos e de suas relações com os homens por autores antigos ou modernos, cujo nome e saber possam fazer autoridade”.

Esse pedido de Luiz Olympio parece traduzir todo o arcabouço da doutrina espírita, isto é, essa lista poderia ser compreendida como a base de uma estrutura, na



qual o espiritismo estava se formando no Brasil, naquele período. Todos esses elementos aí dispostos parecem fazer parte de um ideário que se inaugurava em nome dos espíritos. Tratava-se, de imediato, de um projeto editorial dirigido ao público elitista, enfatizando a importância da instrução, da imprensa, do livro. Mas, ao mesmo tempo, estampava-se um plano mais complexo e conflitante, em si mesmo, com um repertório que inseria “fatos de poder oculto com razão ou sem ela, lendas e crenças populares” etc.

### ***ÉCHO a todos os pontos do Brasil***

Em 17 de setembro de 1874, tem-se registrado o último pronunciamento do editor espírita baiano em documento de nome: *RELATORIO D'A ASSOCIAÇÃO-SPIRITICA-BRAZILEIRA, APRESENTADA EM SUA SESSÃO-MAGMA*. BAHIA, TYP. DE FRANCISCO QUEIROLO, 1874.

Luiz Olympio comentava nesse relatório a respeito de seu projeto editorial, que teria servido como um primeiro passo, incentivando outros projetos desse teor. Sem contar com recursos básicos, ele havia deixado uma semente que renasceria, mais tarde, segundo ele, até fora da Bahia: “A fiel exposição dessas doutrinas não está ao alcance das multidões, porque as obras fundamentais não se acham traduzidas na língua vernácula; entretanto preciso é aqui notar valioso serviço, que prestou o *ÉCHO D'ALÉM-TUMULO*, cuja publicação foi interrompida, levando a idéia espírita a todos os pontos do Brasil...”.

Lembrando o Rio de Janeiro, Luiz Olympio enfocava que lá o espiritismo estaria progredindo aceleradamente: “A vulgarização, portanto, das obras fundamentais é de uma importância capital para a propagação dessa sublime filosofia, regeneradora por excelência; e o movimento no Rio de Janeiro tem-se tornado tão pronunciado que o Sr. Garnier, rico editor na Corte do Império, e que valiosos serviços tem prestado às letras no Brasil, acaba de obter autorização para traduzir em português as importantíssimas obras de Allan Kardec”.

Ao término de seu discurso, demonstrando muito cansaço diante dos opositores



do espiritismo na Bahia, Luiz Olympio lembrou como “o iniciador das doutrinas espiritistas nesta terra de Santa Cruz” teria “experimentado certas antipatias e certos afastamentos”.

A Igreja Católica, no combate ao espiritismo, igualmente no ano de 1869, instrumentalizara-se com a edição de seu primeiro periódico católico para os baianos, com o seguinte título: *CHRONICA RELOGIOSA – PERIÓDICO CONSAGRADO AOS INTERESSES DA RELIGIÃO SOB OS AUSPÍCIOS DO EXMO. REVMO. ARCEBISPO CONDE DE S. SALVADOR*. Essa obra, sob responsabilidade do Cônego Juliano José de Miranda – o mesmo padre que havia publicado um folheto, em 1867, contra o espiritismo –, deve ter batido de frente com a propaganda da doutrina levada por Luiz Olympio. Deve ter funcionado como um grande inibidor às pessoas que o apoiavam em seu kardecismo. Aos poucos, o editor espírita foi se tornando cada vez mais solitário. É o que se pode pressentir pelos vários registros, que documentam seu afastamento nos órgãos de Salvador que, até então, mantinham-no vinculado.

Da última fala de Luiz Olympio aos adeptos espíritas conclui-se que ele estava prevendo o deslocamento da doutrina para outras instâncias, que não o espaço baiano. No Rio de Janeiro, principalmente, ele enfatizava um espiritismo próspero, com a tradução de todas as obras básicas de Allan Kardec.

Logo depois desse episódio, que marca a despedida de Luiz Olympio em Salvador, pôde-se saber que ele embarcou para o Rio de Janeiro, permanecendo durante onze anos no anonimato completo, levando adiante somente sua profissão como taquígrafo no Senado; cargo que abandonaria, definitivamente em 1892, impossibilitado pela nefrite aguda que o acometia.

Em 1885, mudando de tema, Luiz Olympio lançava aos cariocas: *MANUAL DE STENOGRAPHIA-BRAZILIENSE ORGANISADO POR LUIZ-OLYMPIO TELLES DE MENEZES*. RIO DE JANEIRO, TYP. DE Q. LEUZINGER & FILHOS, 1885.

Apesar de o movimento espírita estar, naquele momento, tomando corpo no Rio de Janeiro – como Luiz Olympio havia previsto em seu relatório de 1874 – seu nome não apareceu em lugar nenhum, relacionado ao kardecismo. Luiz Olympio mostrou-se alheio a tudo isso. O jornal kardecista: *O REFORMADOR*, lançado em 1883, não



contava com sua participação. A Federação Espírita Brasileira – FEB – construída, por volta de 1884, com sede no Rio, não mencionava seu nome entre os fundadores e colaboradores. Não foi encontrado nenhum indício do espírita baiano nessa movimentação espírita na capital carioca.

Parece que a doutrina kardecista começava a tomar um rumo diferente ao de Salvador. O enfoque baiano alterava-se. O espiritismo no Rio parecia identificar-se com uma realidade, menos complexa e mais determinada, aproximada às questões republicanas.

Bezerra de Menezes, Deputado pela Província do Rio de Janeiro (nos anos 1867-1870, 1878-1881 e 1882-1885) teria sido um dos mais importantes propagadores do kardecismo aos cariocas, e um dos fundadores da Federação Espírita Brasileira – FEB – (mais tarde, a primeira casa editorial kardecista no país). Escrevia aos domingos no jornal *O País*, dirigido por Quintino Bocaiuva.

A discussão agora enveredava por meio da política. Pessoas do poder – e não simplesmente um taquígrafo ou bibliotecário – começavam a discutir sobre liberdade de religião, sobre distinção entre poder do Estado e Igreja.

No Rio de Janeiro, as condições sociais de vida da população urbana mostravam-se mais apropriadas à mensagem espírita, favorecendo sua expansão, que vinha ao encontro de uma luta ideológica muito mais organizada e consistente: a de uma classe média mais definida naquele momento do que em Salvador alguns anos antes.

O espiritismo baiano perdia, em 16 de março de 1893, uma figura especial... o primeiro editor kardecista brasileiro. Somente, no século XX na Bahia, há uma retomada da questão da doutrina com o apoio da Federação Espírita Brasileira, mas, já era uma outra história...

### **Considerações finais**

Na recolha dos documentos, em prévio exercício de análise sobre edição e ideário espírita, o presente trabalho deteve-se em apontar caminhos possíveis de interpretação. O livro kardecista vivo ainda nas prateleiras das cidades, instalado não



somente em bancas dos centros espíritas, mas em inúmeras livrarias do país, parece comprovar as previsões de seu primeiro editor.

Acredita-se que são várias as etapas que compõem a trajetória do livro kardecista no Brasil. Cabe, daqui em diante, identificá-las para uma verificação mais acurada, sobre como ocorreram – ou continuam ocorrendo – e em que circunstâncias. O que permanece e o que se altera nessa mensagem em forma de impressos, que se estende desde 1866, quando de seu lançamento.

Com o editor Luiz Olympio Telles de Menezes pôde-se observar a montagem de um discurso, apoiado na crença de palavras espirituais que pediam: (1) inovação da religião de Estado – o catolicismo – com a adaptação às novas idéias científicas; (2) reforma social apoiada em princípios de moral cristã; (3) criação de mecanismos de interpretação mais eficazes diante dos sofrimentos humanos: morte, solidão e injustiças sociais; (4) vulgarização e/ou popularização do conhecimento, tanto no espaço acadêmico como na instituição da Igreja Católica; e (5) crença na caridade de conhecimento, evidenciando a responsabilidade de propagar as novas descobertas à grande massa.

Para finalizar, é importante perceber o significado de um livreiro e editor como o francês Garnier assumir as traduções dos livros de Allan Kardec, independente de sua crença ou não na doutrina dos espíritos. Há um empenho profissional evidente – bem distinto daquele do espírita baiano – visando resultados positivos no mercado do livro, diante de uma demanda receptiva que se demonstrava favorável. Essa passagem parece anunciar um indício, no mínimo curioso, que marcaria a singularidade do momento inaugural da edição espírita no Brasil pela figura desse nosso protagonista Luiz Olympio Telles de Menezes.

### **Referências – Documentação primária**

DÉCHAMBRE, A. (1865) Doutrina espírita I. *Diário da Bahia*, 26/9.

\_\_\_\_\_. (1865) Doutrina espírita II. *Diário da Bahia*, 27/9.

\_\_\_\_\_. (1865) Doutrina espírita III. *Diário da Bahia*, 6/10.

1 Trabalho apresentado no NPO4 – Núcleo de Pesquisa Produção Editorial, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



- KARDEC, A. (1866) *Philosophia Spiritualista. O Spiritismo. Introdução ao Estudo d'a Doutrina Spiritica extrahida d'o Livro d'os Spiritos*. Tradução Luiz Olympio Telles de Menezes. Bahia, Typ. de C. Lellis Masson & C., p. 117.
- MENEZES, L. O. T. de (1867) *O Spiritismo. Carta ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo d'a Bahia D. Manoel Joaquim d'a Silveira, metropolitano e primaz d'o Brazil*. 2. ed., precedida de um prefácio, e esclarecida com algumas notas. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson & C., p. 82.
- \_\_\_\_\_. (1874) *Relatorio da Associação-Spiritica-Brazileira*. Apresentado em sua sessão-magma, celebrado em 17 de setembro de 1874. Bahia, Typ. de Francisco Queirolo, p. 12.
- \_\_\_\_\_. (1885) *Manual de Stenografia Braziliense*. Rio de Janeiro, Typ. de G. Leuzinger & Filhos, p. 100.
- \_\_\_\_\_. (1869-1870) *O Écho d'Além-Tumulo, monitor d'o Spiritismo 'n-o Brazil*. Publicado sob a direção de Luiz Olympio Telles de Menezes. Bahia, Escriptorio: Ladeira d'a fonte-d'as- Pedras-25, julho de 1869 a maio de 1870. Typ. Diário da Bahia, p. 304.
- MIRANDA, J. J. de (1867) *Breve Apreciação da Carta do Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes sobre o Spiritismo ao Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo*. Bahia, Typ. Camillo de Lellis Masson & C., p. 65.
- PEREIRA, M. da S. (1867) *O Espiritismo. Carta dirigida ao Illm. Sr. Luiz Olympio Telles de Menezes, em resposta a' que dirigida o dito senhor ao Exmo. e Revmo. Arcebispo da Bahia D. Manoel Joaquim da Silveira*. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson & C., p. 139.
- SILVEIRA, D. M. J. da (1867) *Carta Pastoral. Do Excellentissimo, e Reverendissimo Arcebispo da Bahia. Premunindo os seus Diocesanos contra os erros perniciosos do spiritismo*. Bahia, Typ. de Camillo de Lellis Masson & C., p. 25.